

Jonas e Colónidas

Obsessão da noite.

Terra, Sertão,
 vir ao ^{meio} pé da ~~terra~~ risada
 da fel.
 O sol em cima, a
 risada da amora,
 que tudo aclara e res-
 plande.
 Mas é em vão para
 essa risada de luz, que
 sopra do alto sobre tudo,
 que tudo illumina e glo-
 rifica.

Reverente a ti, risada de
 fel, Sertão. Quão te
 ati, risada do crime,
 risada da noite, risada
 da treva.

Agora-me esse sol,
 e terno, a flammegar,
 incendiado na altura,
 por que elle todas as
 coisas põe em reluzo.
 Eu não quero essa
 afflictiva evidencia da
 luz - que ri das nossas
 chagas, ironiza o nos-
 so amor e avulta o
 nosso remorso.

Quero a sombra que
esbat os claros aspectos,
que esforminha os lon-
ges, que enmurece e quebra
a linha dos corpos.

A sombra que cresce,
que se desdobra em noite,
em trevas amargas.

Esse luto ethereo que tudo
esconde e faz ~~espon~~sear
no mesmo vasto silencio.

O luto que esconde o crime
e esconde a dor, que con-
funde a mascara he-
dionda de Glympaine
com a mascara de
de Venus.

Esse luto, essa noite,
essa treva é que enlaga
treva deliciosa que mu-
anulla entre a degen-
encia dos sentimentos hu-
manos. Treva que me
desprece no chão, que
me etherefigue, que me
dissocha no vazio, como
um som nocturno e magi-
tico de floresta, como um
vôo de passaros exant.
Treva, sem fim, que se-
ja o meu encanto sem
estellas que se aneste
independente e obscuro pelo
mundo

mondo a fora, arredado
dos homens e das coisas,
Confundido no supremo
movimento da natureza,
como um ignorado bra-
ço de rio, que a través
de profundas sevas es-
cavas vai sombria e
mystériosamente morrer
no mar...

Nella é que eu quero
aformatar-me, na noite
que me depende da alma
humana que balança ao
sol, á grandura da luz.
Nella é que eu quero vi-
ver, na treva que me des-
pe da realidade da vida,
que me repulsa e pieciosa-
mente Consoa.

Nella tem a magestade
p.^a me apagar da vista
esses infinitos dinisthos
e teniveis que, em multi-
plas formas diversas, mor-
tem sempre caminhando
p.^a rumo ao clarão do dia
em tumultuosa marcha cer-
rada de massas pesadas e
formidaveis. E no o' noite
nivelladora, fria agnia negra
das solidões infinitas de
as nas luas aras e

1111

34

CS P. 011

perder-me, incessi-
velmente vagar - a torno
desconhecida taboas
a gerar longe o mundo
estranho de uma nova
Por!

Emm e Sousa
A

84/78

Formas e cores
Obsessões da noite

Vem, Tartufo, ris-
ar-se de mim a tua
risada de fel.

O sol em cima ri
a sua risada da au-
ra, que tudo acende e
resplende.

Mas é em vão para
essa risada de luz, que
forra d'alto sobre tudo,
que tudo illumina e
clarece.

Levanta-te a ti, risada
de fel, Tartufo! Levanta-
te a ti risada do crime,
risada da noite, risada
da treva.

Aparrua-me esse
sol eterno, a plamar-
jar, incendiado uma
altura, porque elle
fodas as coisas por
em relevo.

Enrasta que essa
afflicção evidencia
da luz - que ri das
obsessões, chagas, in-
visas e visos que
se amulta o visor
reverso.

Quero a promessa
que estale os claros
aspectos, que esforce

as longes, que en-
merra e quebra a
linha do corpo.

A sombra que
dece, que se desdobra
em noite, em furos
amargos.

Esse luto ethereo
que tudo esconde e
faz repossar no
luto prático sibricio.

O luto que esconde
o crime e esconde a
dor, que confunde a
mascara hedionda
de Glauco plaine com
a mascara branca
de Venus.

Esse luto, essa noite,
essa fura e' que en-
dejo. Fura de haire
que me amulle
entre a de generesen-
cia dos sentimentos
humanos. Fura
que me desperre nos
chais, que me ethere
fique, que me desdobra
no raco, como
um som nocturno
e mystico de floresta,
como um rio de
passaro cirande.

Fura sem fim, que
seja o meu mar
sem estrellas que en-
arraste indifferente
e obscuro pelo mundo
a fora, arredado das
luzes e das causas,
confundido no su-
premo movimento
da natureza, como

um ignorado braço
de rio, que através de
profundas rebentas escu-
ras vai sombria e
mystericosamente
murmurar no mar...

Ella é' que eu quero
afundar-me, na mi-
te que me defende
da lesma humana
que talha ao sol,
a' grandeza da luz.

Ella é' que eu quero
o river, na terra
que me despoja da ma-
lidade da vida, que
me sepulta e piedosa-
mente corrói.

Ella tem a magesta-
de para me apagar
da vista esses mil an-
maes sinistros e ter-
veis que, em multi-
plas formas diversas,
murdam sempre e a-
minhando para
min ar clarar o dia
em trunfante mar-
cha cerrada de massas
pesadas e formidáveis.
Quero o' vasto nivel
ladrão, fria agonia
negra das solidões in-
finitas ir preso nas
finas azas e, perdendo,
insensivelmente vagar
a fôrno decorado
talvez a gerar longe
o mundo ~~estranho~~
de uma nova Dor!

Cruze Longa